

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE MAIO DE 1917

ANO I—N.º 21

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1.000 BRAZIL
SEMESTRE 500 ANO 7.000

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegocaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

CONGRESSO HO TELEIRO

AS THESES APRESENTADAS. — INTERESSE ABSOLUTO DA ASSISTENCIA. —
A FEDERAÇÃO HOTELEIRA. — ESCOLAS DE CRIADOS. — RESULTADOS PRATICOS

REALISOU-SE como se anunciara, nos dias, 28 e 29 de abril, na sala «Algarve» da Sociedade de Geographia, o primeiro congresso hoteleiro, que deu, afinal um resultado superior a mais optimista previsão.

E isso deve-se sem duvida á tenacidade do digno director da Repartição de Turismo, em resolver os mil e um obstaculos que surgiram a cada momento e as indiferenças, que elle conseguiu dissipar.

Está pois lançada a semente para futuras reuniões de hoteleiros, que, estamos certos, saberão de futuro compreender bem o alcance de tão importantes questões. Não teve o congresso uma concorrência, como era logico esperar, mas o interesse com que as theses foram apreciadas e discutidas foi além da expectativa.

Todos os oradores mostraram uma forte convicção do futuro que está reservado á nossa industria hoteleira, em prol do Turismo.

Encarou-se o assumpto por varios aspectos, e todos chegaram á conclusão que, se os nossos hoteis tem deficiencias, muito faceis de remediar, é sem duvida isso devido á falta de iniciativa, para a organisação de uma companhia de hoteis, ou a federação dos existentes, e ainda á carencia de

uma escola, não só de hoteleiros como tambem de criados.

Mas para este ultimo, alguma coisa de pratico se fez, e oxalá, dê o resultado que é de esperar.

Ao congresso concorreu, o que de mais importante existe no nosso meio turistico e hoteleiro. Desde o venerando patriota, Dr. Magalhães Lima, que honrou as sessões com a sua presidencia e a sua voz potente, á Direcção da Propaganda de Portugal, que ali se fez largamente representar, desde a Sociedade Estoril, a rasgada iniciativa de modernisar a nossa terra, ao Banco Ultramarino; desde a Direcção das Companhias de Caminhos de ferro, aos directores de empresas de aguas mineraes, e finalmente desde os Proprietarios-gerentes dos mais importantes hoteis do paiz, aos modestos hoteleiros, e proprietarios de restaurantes.

Bem haja pois o Conselho de Turismo, por tão proveitoso congresso, e bem hajam todos aqueles, que levaram ali as suas theses e aqueles que as discutiram e aprovaram.

ABERTURA DO CONGRESSO

No dia 28 pela uma hora da tarde, sendo já bastante numerosa a concorrência, foi aberto o congresso pelo ministro do fomento, sr. Herculano

Galhardo, após uma brilhante alocução, finda a qual foi muito aplaudido; o sr. Dr. Magalhães Lima, leu um extenso e interessante relatorio alusivo á, já grande obra feita em prol de Turismo, e ao muito que ha a fazer.

Faz lembrar que em Portugal ainda não foi sentida a guerra, mas que a nossa preparação para a paz deve merecer toda a nossa atenção pois é n'ela que está o futuro de Portugal.

Uma prolongada salva de palmas, coroou o seu brilhante discurso, retirando-se depois o sr. ministro do fomento, por motivos imperiosos o chamarem a outro sitio.

Tomando depois a presidencia o sr. Dr. Magalhães Lima, dá a palavra ao sr. Dr. Penalva da Rocha, que defende com entusiasmo a sua these, que versa sobre a creação em Coimbra de um hotel-casino, sendo aprovada na essencia, ficando para depois na especialidade; visto ter pontos de contacto com a these do sr. Mendonça e Costa.

Segue-se o sr. Dr. Bentes Castel-Branco, director das Aguas de Monchique, que defende com calor a sua these, sendo a sua leitura, motivo de quando em quando de aplausos da assistencia.

A these do sr. Dr. Bentes, versa sobre a *Federação do Turismo em Portugal*, reunindo a creação de um banco de credito hoteleiro, estudos techicos, pessoal para servicos, compra de material, aperfeiçoamento de serviço, redução de concorrência, contractos vantajosos, regulamentação de jogo, parochias de turismo, assistencia pu-

blica nas estações de turismo, viação, reclames, seguros e arbitragem entre o trabalho e o capital.

De todos estes assumptos o sr. Dr. Bentes Castel-Branco faz uma longa descripção e é de opinião que o jogo deve ser regulamentado, dada a impossibilidade de o reprimir.

Apesar do que os governos e as autoridades afirmam, em toda a parte, se joga, até nas feiras, sendo este o peor dos jogos, constituindo, pela forma como se exerce em toda a parte uma immoralidade e um perigo, o que tal não succederia se fosse regulado; além de poder representar uma boa receita para o Estado, com a qual acudiria à mendicidade e concorreria para a realização de obras de turismo.

Exalta a forma de se alindar alguns pontos do paiz, e de evitar a concorrência de hoteis, com proveito para o hoteleiro, e para o hospede.

Para a constituição da Federação do Turismo propõe a constituição d'um Banco Industrial, que possa ter uma parte dos seus capitales immobilizados em acções das empresas do turismo, e que tenha consignado na sua lei organica, a faculdade de criar secções destinadas a produzir todas as vantagens possiveis ás empresas n'elas interessadas.

Este banco constituir-se-há com um capital importante ou limitado, podendo começar a funcionar logo que tenha realizado em numerario, uma subscrição relativamente pequena (como sejam 200 contos).

O sr. Adães Bermudes, apresenta a seguinte proposta.

O congresso, concordando, em principio, com as conclusões da these apresentada pelo sr. dr. Bentes Castel Branco, relativa a federação do turismo, resolve aprovar, na essencia, essas conclusões sem discutir os detalhes, e recomendar ao conselho e á repartição do turismo, que hajam por bem estudar os meios e adoptar as providencias que possam dar sanção pratica ás mesmas conclusões. Aprovado.

O sr. Penalya da Rocha propõe, sendo aprovado, que se abra uma inscrição para os congressistas que concordarem com a constituição da Federação.

Em seguida o sr. Dr. José d'Atayde sobe á tribuna e defende em breves palavras a sua these, de que damos as conclusões dos varios assumptos n'ela tratados.

I.—Repressão da mendicidade

a) Proceder-se ao recenseamento dos mendigos. Este recenseamento deverá ser feito pelas autoridades administrativas;

b) Atribuir residencia fixa aos mendigos não se lhe consentindo, pelo menos nos

meses, que decorram de Maio a Outubro, que saiam fora do concelho a que pertencam;

c) Darem-se ordens expressas e terminantes á guarda republicana para impedir que os mendigos passem de concelho para concelho, como costumam fazer, sobretudo quando se aproxima a epocha balnear e thermal;

d) Prisão e remessa imediata dos mendigos para as terras das suas naturalidades quando encontrados fóra d'elas ou dos logares onde lhes tenha sido fixada residencia;

e) Notificação feita, pelas autoridades, aos mendigos de que lhes é absolutamente prohibido mendigar;

f) Conhecimento dado pela Repartição do Turismo a todos os hoteis, casinos, clubs das praias e estancias termias, d'estas resoluções, solicitando-lhes a sua cooperação;

g) Pedido feito pela Repartição do Turismo ás instituições mencionadas na alinea f) para a terem informada do que se passar em materia de mendicidade, de forma a que possam ser adoptadas providencias;

h) Afixação de quadros á entrada de hoteis, casinos, clubs, etc., expondo as providencias adoptadas e pedindo aos seus frequentadores que entreguem quaisquer donativos aos donos d'esses estabelecimentos para eles fazerem a sua distribuição pelos necessitados do concelho, de acordo com a autoridade administrativa;

i) Afixação d'um quadro pedindo aos hospedes que não dêem esmolas;

j) Fazer a direcção da Associação de Classe dos Proprietarios e Arrendatarios de Aguas Mineraes, junto dos seus colegas, a maior propaganda d'estas medidas e bem assim aliviar a organização de festas, de quando em quando, tendo em vista acudir aos necessitados da região;

k) Identica propaganda feita pela direcção de Classe dos Proprietarios de Hoteis e Restaurantes, Direcção Geral da Assistencia, Sociedade de Propaganda de Portugal e Repartição do Turismo.

Todas as resoluções constantes das alneas f), g), h) e i), foram rigorosamente cumpridas.

II.—Propaganda turistica

Não constituindo, por ora, os hoteis entre nós a força que representam na Suissa, havendo, por conseguinte, a necessidade de os associar, para efectos de propaganda, ás empresas termias, municípios, associações commerciaes, sindicatos de iniciativa, etc., afigura-se-nos que este fundo deverá ser instituido junto da mais importante instituição de propaganda turistica que é, evidentemente, a Sociedade Propaganda de Portugal. Esta Sociedade delegará n'uma comissão especial, de que fariam parte dois membros d'essa Sociedade, dois do Concelho de Turismo, um da Associação dos Proprietarios e Arrendatarios de Aguas Mineraes e um dos Proprietarios de Hoteis e Restaurantes e um da Camara Municipal de Lisboa, a gerencia d'este fundo especial, ficando a seu cargo a orientação dos trabalhos de publicidade e reclamo.

N'estas condições propomos:

a) Que se promova entre os mais importantes hoteleiros do paiz, municipalidades de terras de turismo empresarios de aguas mineraes, sindicatos de iniciativa, associações commerciaes de localidades de turismo, a constituição d'um fundo especial para propaganda;

b) Que se nomeie uma comissão composta de dois vogais do Conselho de Turismo, dois da Sociedade Propaganda de Portugal, um da Associação de Arrendatarios de

Aguas Mineraes, outro da Associação de Proprietarios de Hoteis, outro da Camara Municipal de Lisboa, para encetarem, no mais curto prazo, os trabalhos para a constituição d'este fundo;

c) Que as verbas obtidas, menos 10 por cento, que revertirá para o fundo da reserva, devam ser integralmente gastas para os assumptos de propaganda do paiz, por meio de anuncios luminosos, cartazes, anuncios nos jornaes e revistas importantes, artigos, etc.;

d) Que seja elaborado um regulamento especial para administração d'este fundo.

III.—Necessidade de restringir as concessões de aguas minero-medicinaes

Deve ser alterado o decreto de 30 de Novembro de 1892, que regula o aproveitamento das nascentes de aguas mineraes no sentido de:

1.º Não permitir concessão de licenças para a exploração de nascentes a não ser para as de tipo ainda não existente entre nós, ou de propriedades terapeuticas exceptionaes;

2.º Conceder aos actuais concessionarios de aguas um prazo que, em caso algum, deve ir além de quatro annos, para construir os seus estabelecimentos de harmonia com os modernos preceitos hygienicos.

IV.—Indumentaria

Importa, por isso, defender o traje pitoresco do nosso habitante dos campos contra a invasão grosseira do fado incarcateristico, talhado pelos algibeas das cidades. Para isso deve-se exercer uma propaganda especial que, quanto a nós, deve partir, sobretudo, do professor de instrução primaria, do medico rural e do párocho. São estas entidades, mais em contacto com o povo que nenhuma outra, que podem prestar a esta idéa a mais efectiva e vantajosa colaboração. N'estas condições, temos a honra de propor:

a) Que os hoteleiros da provincia tomem a iniciativa da organização de comissões compostas de professores de instrução primaria, medicos, parochos e d'outras quaisquer entidades ou individuos em condições de prestarem valiosos serviços, com o fim de actuarem junto dos habitantes do campo, induzindo-os á conservação dos seus pitorescos trajos;

b) Que a comissão organizadora do Congresso represente a S. Ex.ª o Ministro de Instrução pedindo-lhe instruções aos professores de instrução primaria para que nas escolas falem aos seus discipulos sobre este assumpto, mostrando-lhes as vantagens de não modificarem os seus trajos.

As 3 primeiras e a ultima conclusões foram aprovadas com fartos applausos, e a 3.ª foi objecto de grande discussão, tendo usado da palavra os srs. Manuel Roldan, Dr. Bentes Castel Branco e Dr. Manuel de Vasconcellos. Sendo afinal rejeitada.

2.ª SESSÃO

Foi á noite, notando-se a mesma selecta concorrência da tarde, ás 9 e meia o sr. Magalhães Lima abriu a

sessão fazendo a elogio do sr. Ernesto Martinenich, secretario geral do Comité France-Portugal, que estava presente, respondendo este senhor n'um rapido improviso que foi delirantemente aplaudido.

Em seguida, o sr. Magalhães Lima deu a palavra ao sr. Mendonça e Costa, que fez uma larga exposição da sua these, *Hotéis nas Províncias* em que defende a criação de uma companhia para a construção e exploração de hotéis em varias terras do paiz, no que seria observado o mesmo typo não só em edificios, mas também em mobiliario, baixela, preços etc., que permitiria em occasiões de festa ou concorrência especial em certa e determinada localidade o deslocamento dos outros hotéis, da baixela, roupas, criados, comidas frias, etc. Tornando-se assim um serviço pratico e perfeito.

Depois, os materiaes para essa companhia, comprados em globo seriam necessariamente mais baratos; no que muito teria ela a lutar.

Para facilitar viagens no paiz, poderiam ser fornecidas cadernetas, com coupons para pagamento de despesas, a exemplo do que existe lá fora.

O sr. Mendonça e Costa, faz ainda, acompanhadas de frases humoristicas, varias considerações sobre a sua these, apresentando depois a aprovação as conclusões do seu trabalho que se seguem:

1.º Onze anos de trabalhos insistentes e de incitamentos junto da industria hoteleira, sem resultados praticos de valor, são o bastante para provar que só por um processo novo e energico se conseguirá que nas nossas provincias haja os necessarios hotéis, modestos mas limpos e comodos, indispensaveis para se promover por todo o paiz uma larga corrente de turismo.

2.º Esse meio só pode ser a remição de interesses em uma grande companhia bem organizada que trate de transformar o existente susceptivel de melhoria e de fundar novos estabelecimentos onde seja necessario.

3.º A instalação d'estes hotéis deverá fazer-se em todas as sedes de concelho importantes e em localidades que pelo pitoresco da sua situação, monumentos, centro de irradiação de estradas importantes, etc., o justifiquem.

Em parte alguma será permitido mais que um hotel da companhia em cada localidade, salvo não existindo ali outro hotel.

4.º O Estado não deve intervir mais que facilitando a formação da companhia na sua parte financeira, isto é:

Isentando as acções e obrigações de todo e qualquer imposto, inclusive o do selo.

Isentando por 20 annos de selo os seus anuncios e reclamos.

Dando passagens gratuitas nas linhas do Estado a um inspector encarregado da visita, vigilancia e fiscalização continua de um numero até 20 hotéis.

O mesmo deveriam fazer as companhias para os agentes que dependessem de utilizar-se das suas linhas.

Ao terminar foi muito aplaudido.

Como houvesse semelhança nas conclusões da these com a do sr. Roldan, o sr. Adães Bermudes propõe que fossem votadas conjuntamente, sendo aprovado.

Falou depois o sr. Fausto de Figueiredo, que n'uma voz quente e ponderada, se referiu ao Congresso, da sua utilidade, se lhe derem um resultado pratico; elogia calorosamente todos os auctores de theses, faz justiça aos seus trabalhos, sem distincções, mas referindo-se á these do sr. Dr. Bentes Castel Branco, diz ser, um trabalho absolutamente notavel, mas irrealizavel por agora, devido ás multiphas materias n'ele confididas, com que ele, aliaz concorda.

Responde-lhe o sr. Dr. Bentes Castel Branco, dizendo que com boa vontade, o assumpto da sua these seria um facto dentro em pouco.

Seguidamente o sr. presidente anuncia que vai ser discutida a these do nosso orador principal, sr. Guerra Maio, que depois de saudar o sr. presidente e o congresso, fez uma exposição detalhada do seu estudo sobre *Pequenos Hotéis*, lamentando quanto é ainda rudimentar a industria hoteleira nas nossas provincias, citando casos que a elle, orador, lhe tem succedido nas suas constantes viagens. Descreve ainda quanto importante o desenvolvimento dos grandes e pequenos hotéis na península Hespanha, onde se tem a resolução o problema com resultados praticos; e ainda cita o interesse que varias empresas, nomeadamente as ferroviarias, lhe tem merecido a "paz" que se aproxima, para d'elas tirarem um proveitoso resultado.

Lê por fim as conclusões da sua these, que são aprovadas com uma emenda do sr. Vieira Guimarães.

No proximo numero darentos na integra esta these, o que não fazemos hoje por falta de espaço.

Fala ainda o sr. Mendonça e Costa, colaborando nas palavras do sr. Guerra Maio, sendo depois encerrada a sessão.

3.ª E ULTIMA SESSÃO

Domíngio á 1 hora da tarde o sr. Dr. Magalhães Lima, abre a sessão, secretariado como até ali pelo sr. Dr. José de Athayde e Manuel Roldan, lendo este ultimo uma interessante memoria do sr. José Oliveira Basto, proprietario do Grande Hotel do Porto, sobre a federação de hotéis e a necessidade de educar os criados e cosinheiros.

Fala depois o sr. Antonio Fernandes, proprietario do Hotel Bragança, de Espinho, que corroborou as palavras do sr. Oliveira Basto, e em seguida o sr. Adães Bermudes, que condemna

a falta de bilhetes baratos nos nossos caminhos de ferro, a morosidade dos comboios. Respondendo-lhe o sr. Arthur Mendes, director dos Caminhos de ferro do Sul e Sueste e o sr. Vasconcelos Correia, Administrador da Companhia dos Caminhos de ferro Portugueses. Este ultimo, faz uma interessante defesa da velocidade dos nossos comboios, que compara, aos melhores da Europa, e Jesfaz a lenda dos trens americanos andarem a 200 kilometros á hora; e termina por fim chamando injusto ao sr. Bermudes, acrescentando que as tarifas não são tão más como elle julga, se bem que não haja nada tão perfeito, que se não possa melhorar.

Entra-se depois na ordem do dia, discutindo-se em primeiro lugar, a these da Sociedade Propaganda de Portugal, relatada pelo sr. Vasconcelos Correia, em que se defende a criação de uma escola para criados de hotéis, e anuncia que a Sociedade de Propaganda, vai abrir, dentro em pouco, um curso para criados que já exercem essa profissão. Fala o sr. Fausto de Figueiredo, incitando os hoteleiros a dar preferência para o seu serviço aos criados com o curso da Propaganda. O sr. Guerra Maio, propõe que os criados diplomados, usem um emblema na lapela, para incitar os outros a frequentar a escola, e que nos principaes azylos do Estado se crie um curso de criados, pois lhe será essa profissão mais rendosa que outras que lá se ensinam, e ainda que sendo esses educandos, em regra, orphãos e com mãe e irmãos, seria a já rendosa profissão de criados, uma boa fonte de receita para o bem estar das suas familias.

Mais propõe, que a Repartição de Turismo represente ás direcções dos Azylos para que os seus professores, desfaçam perante os alumnos, a ideia humilhante que versa injustamente, contra os criados de mesa.

E' aprovado, bem como a these da Sociedade de Propaganda.

Entra em seguida em discussão a these do sr. Roldan y Pego, em que trata de trez qualidades de hotéis, Palaces, para as grandes cidades; Hotéis de Luxo, para as cidades mais importantes, e hotéis modestos para os pequenos centros, themas, praias, etc.

E' aprovada, depois de uma larga defesa do auctor.

Falam ainda sobre varios assumptos, mais alguns oradores, entre os quaes o sr. Frey, proprietario do Grande Hotel Central, de Lisboa, que se queixa do pouco interesse que ás estancias superiores merece as boas iniciativas, pois em vez de as ajudar, muitas vezes as vexam com multas.

Usa ainda da palavra o sr. Fausto de Figueiredo, que fala durante muito tempo, no mais profundo silencio da assistencia, sobre o desenvolvimento do turismo, sobre hotéis, criados, sobre a mercenaria nacional, a que presta culto de homenagem, pela perfeição dos seus trabalhos, convidando-a por fim a interessar-se no assumpto; louva ainda a Propaganda de Portugal pela criação da escola de criadagem, prestes a funcionar, etc.

O sr. presidente dá a palavra ao sr. Levy Marques da Costa, presidente da Camara Municipal de Lisboa, que fala sobre turismo e hotéis e por fim

O novo Hotel de S. Martinho do Porto

DAMOS hoje 2 interessantes aspectos do novo hotel de S. Martinho do Porto, cuja construção vae iniciar-se.

E' um melhoramento importante não só para a interessante praia de banhos e estancia thermal, mas tambem para as terras visinhas, pois a falta de um bom hotel em S. Martinho, im-

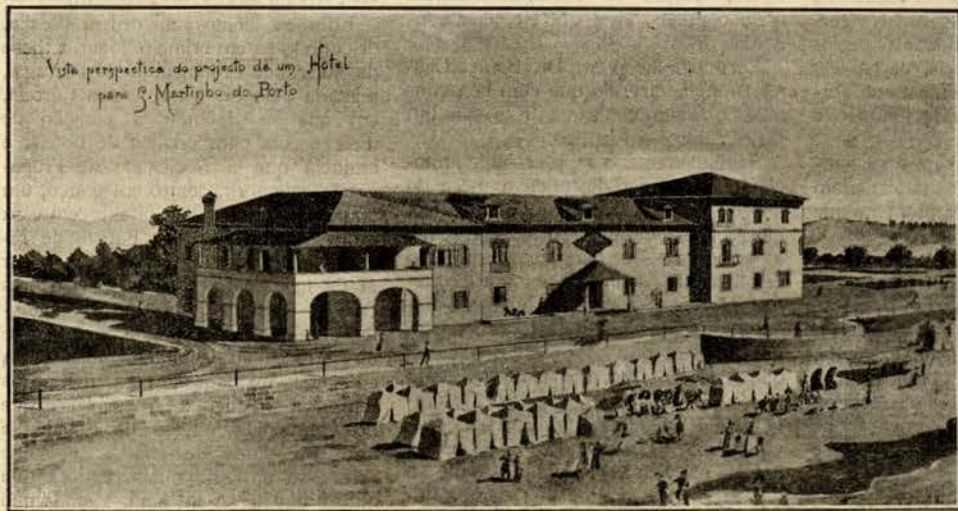
FESTA DA ALDEIA

EIS a primavera nos campos, rindo com dentinhos de neve, sob um guarda sol de papoulas. Logar ás expansões dos melros, aos ligeiros vestidos salpicados de floritas, e aos chapéus de palha com tufo de myosotis. Já as searas deixam ver quanto a colheita será rica, e nas regueiras das hortas se vae acerejando a polpa acre dos morangos maduros. Atravez os vidros das estufas, nos maciços dos jardins e parques luxuosos, plantas que arvoram exóticos modelos de floração, como outros tantos pavilhões de revolta contra as rotineiras fórmulas do lyrio indigena, das rosas de cem folhas, e dos embriantes cravos de defuncto. São os hibiscus, que revoltam torcidos como cabellos em nuca ainda mal enxutas do banho—arbus de seda, perpassados de graça virginal—jovens bananeiras, que oscillam as cintas n'uma indolencia creoula—begonias de prata

com reversos de pelúcia escarlata—e a *strelitzia regina*, flôr de príncipes, cortada em velludo rôxo e côr de laranja, rompendo por entre hirsuta folhagem de ferro branco, com antheras de ouro e fauces de dragão chinez...

Serenidades lucidas de maio, que de prazeres infiltraes n'este meu sangue definhado pelos molhos do Silva—e em que ineffaveis calmarias me sabeis adormecer os nervos, exasperados pelas cincoenta mil chicharas de café, de Balzac! N'este repousar ao sol, uma delicia nos vem gotta a gotta sobre o coração; ha como azas brancas batendo vivacidades de pomba em cada phrase que dizemos; e o riso não é mais a *grimace* nervosa que faz medo, pelo que revela de desalento ou cynismo, mas um nobre movimento de labios, que se ajustam como duas bellas rimas amorosas em fundo carnezi. Depois o ar é tão doce, o rio tão calmo lá abaixo, as sombras tão verdes, que se abandona a leitura para fugir ás frias suggestões da analyse, e espaiar um bocadinho entre as caricias humidas dos platanos.

Junho, fins de primavera, alvorecer das primeiras sações de fructos acres...



o sr. Magalhães Lima encerra os trabalhos, enviando aos congressistas ás suas saudações; e depois, por proposta do sr. Vasconcellos Correia, o congresso faz á mesa uma calorosa manifestação.

Na Terra Santa

Diz o Times:

A Palestina poderia ser internacionalisa; da, como *Terra Santa* dos povos christãos. Tudo quanto recorde a historia evangelica seria quanto possível respeitado. Poderse-ia reviver a vida social com meios de transporte adequados, sem *trams* nem auto-omnibus em Jerusalem.

Cabe a nós, sobretudo ao occupar o paiz, evitar que seja presa de especuladores de hotéis e turismo. Os Logares Santos devem quanto possível, ficar como no tempo de N. S. Jesus Christo.

Aqui está uma opinião de que discordamos.

A tradição deve estar ligada ao progresso, e este deve ser feito de forma a que, aquella não seja prejudicada em toda a sua arte e em todo o seu interesse.

pede os banhistas de visitar os seus arredores que são interessantes.

Deve-se esta rasgada iniciativa a uns benemeritos da terra, que tem por S. Martinho do Porto uma verdadeira veneração.

Não nos alongaremos em descrições do hotel, pois já o aqui fizemos, devemos porem acrescentar, que ele reúne todos os requisitos modernos para os hospedes mais exigentes.

São d'estes hotéis que o nosso paiz mais precisa, e diga-se de passagem, muita gente vae comprehendendo o alcance que taes iniciativas tem para o bem turistico.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, Largo da Abegoaria, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Figueira da Foz.

Nenhuma quadra melhor para a festa do campo, nos eremitérios e sanctuários consagrados pela adoração das gentes rústicas.

Sou meridional de sangue e nascimento; e n'esta altura dos annos, que emoções e alvoroços que me faz ainda agora a lembrança d'essas romagens idyllicas, que tantas fiz em pequeno ás ermiditas milagreiras da minha provincia! No Alemejo, romagem alguma se faz, a bem dizer, por devoção. Faltam na raça condições de credulidade excessiva, beatice e superstição grosseira. A gente é prática, sensual, decidida; não comprehende os longos extasis deante das capellas, sorri um pouco ás subtilezas mysticas do cálix; e quando lhe dizem—jejuar—encolhe os hombros, responde—pois sim! e vae atochando o ventre do melhor. As romarias alemejanãs, á parte as origens e essencia íntima, participam da *Kermesse* flamenga, festa d'amor physico, com danças em volta dos carvalhos, canecas de vinho licoroso, e festins plethóricos por sobre as verduras fofas da campina. A santa milagreira que dá azo á festa, essa lá fica nos segundos planos da frescata; em que se pensa é na rapariga de olhos pretos, bocca escarlate, seio turgido—no regabofê de vinho e paio alemejano por baixo das arvores da encosta, no meio d'uma choral de saudes e risadas—enquanto o padre vae prégando na ermida, ao rebanho de velhas estonteadas de somno.

De ordinario coincidia a festa com alguma grande feira, esperteza municipal que fazia convergir ao mesmo tempo ao mercado, quem tinha espirito commercial e quem tinha espirito religioso; e os que necessitavam pagar promessas. Esta conflagração de coisas sacras e profanas, fazia largar de cada terreola depois das colheitas, á entrada das primeiras aguas de Setembro, pelo S. João, ou depois das ciras, a mais pittoresca romarias que era possível descortinar.

Entre montanhas negras da queimada, seguindo caminhos intransitaveis, corcovados sobre esbracejos d'azinha, ia a gente na noite fóra n'uma cavalgata grotesca, cantando, gritando, passando a borracha de bocca em bocca, jogando chalaças de rancho

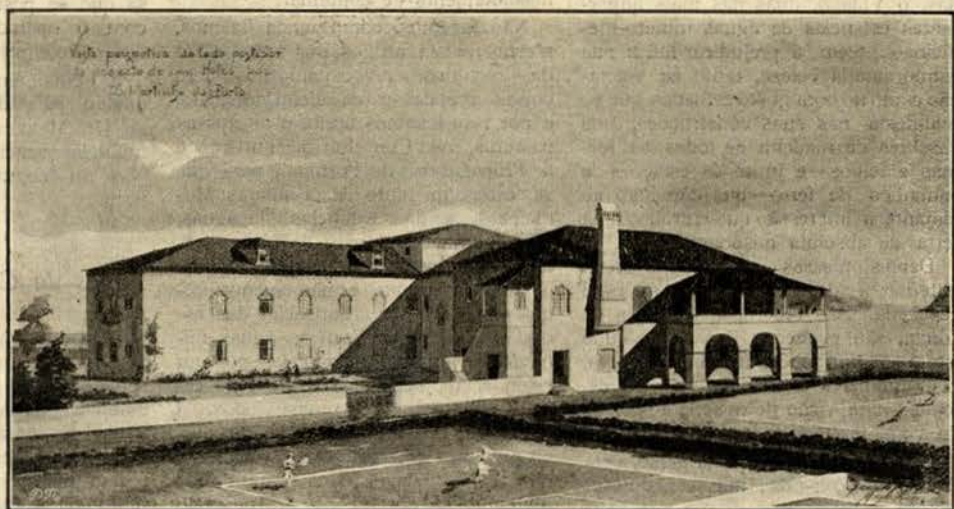
em rancho, co'a grossa alegria de boa gente que alarga o coração. Alguma praga alentaxa aqui e além, as mulhas que estacadas na vereda, não podiam mais tirar as carriolas prenhes de bagagem. E esse phantastico cortejo, dil-o-heis arrancado ás aguas fortes de Goyal—velhas nos seus jumentinhos pódres, com alcofas de pão para fogaça, parecendo guardar nos olhos o fulgor de lampada que esmorece—raparigas que fazem por esses caminhos, ebrias de festa, uma *farandole* continua e ruidosa, sob os olhares das estrellas—velhos lavradores em grandes mulhas ajazendo ao modo arabe, com peitoraes de franja variegada e esquilas pendentes n'um jovial carrilhão—rapazes imberbes de face, tostados, cor de cobre, desinquietos, indo de moça em moça com o seu estribilho gaiato, dando vivas, fazendo partidas—toda a sadia gente, n'uma palavra, que aproveita a festança para dar freguas ao trabalho rude, vestir a andaina dominguêira, e afogar maguas atando-lhes ao pescoço os quatro pintos ganhos na labuta dos campos, sob algum sol equatorial. Cada qual, já se vê, rapinando por essas fazendas marginaes da estrada, os fructos e lenha de queimar, que havia mister. Grupos de tres e quatro, vagarosos, petiscando lume e golpes de fuzil, iam dizendo por ahí fóra os seus negocios, o que

medo á face dosromeiros; e toca de corruaça atraz dos fugitivos, rapazes e raparigas, vá de rir, furtar beijos e dar abraços á socapa, na sagrada e amiga espessura do montado. Mas erguia-se um canto de alegria ferocissima. Fóra vista uma luz, qualquer panno de barraca, ou *silhouette* de torre; aldeia tal,—e vá de gritaria para se dar alarme nas escuras ruas do burgo morto, e virem ás portas, espavoridos, os dorminhocos.

Se algum tradicional chicote enraivecia desde seculos as gentes da terra atravessada, os da romaria saltavam dos burros, iam martelar ás portas das casas, e quando acudiam de dentro, entre dois somnos, o chicote era articulado com todas as syllabas, n'um inferno de gargalhadas e silvos.

Entanto a manhã bocejava ao oriente; centenarias fórmas d'arvores crayonavam-se em fundos pallidos; e como o murzheim prégando dos flexuosos minaretes, a cotovia cbamava as aves e as folhiagens, ao *angelas* do novo dia.

Conservemos as velhas usanças, os hábitos poeticos da vida simples, as tradições e lendas rústicas. Ao espirito mais secco e mais pratico, chega um dia a necessidade de conviver no seio d'estes suavissimos phantasmas, se exausto pelos nervosismos da lucta, busca um canto pacifico e balsamico, onde não ouça o bramir dos



iam comprar á feira, o que lhes succedera no caminho em tal anno, e roubos, altas de preços, pirraças... A calma noite povoa-se de vozes irregulares, fórmas errantes por entre as arvores, canções, risadas... De repente, gritos—era algum carro tombando com fracasso por essas barreiras. Não fóra nada, mas os gansos, borregos e galinhas da funcção, aproveitando ensejo, debarfavam, com

animas ferozes que lhe assaltavam o caminho, seus amigos, seus irmãos! E então sentimos o encanto indivisivel das festas d'aldeia, acalentando as nossas angustias ao rumor das cantigas e risotas das romarias.

FIALHO D'ALMEIDA

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do país.

A ESTHETICA NAS NOSSAS THERMAS E PRAIAS

Não nosse paiz pouca gente se preocupa com o esthetica e com o bom ou mau efeito, que as construções possam causar á vista do viajante.

Não queremos falar de Lisboa, onde toda a gente se permite dar luz ás suas casas por meio de janelas do mais extravagante feitio, não olhando o efeito que produzem com relação ás outras janelas e sacadas.

E' escusado citar, ha casas d'estas, em todas as ruas da baixa, onde a admiravel obra pombalina merecia maior respeito. Deixa-lo. Quando um dia houver na Camara Municipal, uma vereação, que se preocupe mais com a esthetica da cidade, que com discursos e mudança de nome ás ruas, que trate o assumpto. Por agora fiquemos por aqui.

Mas queremos tratar das estancias de aguas mineraes, que a par do progresso material que n'algumas se veem acentuando, existe um desleixo crasso, que revela da parte de quem o consente ou alimenta, um desconhecimento completo dos principios da esthetica e do bom gosto.

Exemplifiquemos: As Pedras Salgadas, o Vidago, duas das mais importantes estancias de aguas minero-medicinaes, tem a prejudicar-lhe a sua extraordinaria beleza, tanto na vejetação como no bom gosto esthetico que se manifesta nas suas construções, uns casebres de madeira de todas as formas e feitios—e junto ás estações de caminhos de ferro—que dão logo ao viajante a impressão que entrou n'uma terra de absoluta miseria.

Depois n'essas casas, se o efeito exterior e desagradavel, o interior é repelente. São tabernas, são lojas de fructa, são pequenos bársares. Tudo isto com borrações a discutir á porta, com mulheres e crianças sijas a estender uma visão de miseria aos olhos do viajante.

Estamos já a ver muita gente, condoida, a dizer-nos: mas essas casas são de pessoas pobres, que não tem meios para erguerem uma casa de bom efeito esthetico, e se lhe fossem fechar a porta, que, ficariam na miseria.

Somos assim, todos atiramos com a miseria como argumento principal da nossa impassibilidade. Infantil argumento, tão infantil, que faz lembrar, a questão dos empregarios theatraes pelo simples motivo de lhe não consentirem este ano bailes carnavalescos, era caso de ficarem muitas familias na miseria. Não percebemos bem, como

uns pobres patacos que o pessoal inferior do theatro que deixasse de ganhar, seria motivo a irem depois pedir esmola.

Mas responderemos, a essas pessoas de bom coração, que na sua maioria, os casebres que tanto desfeiam a beleza esthetica das nossas estancias de aguas mineraes, não são propriedade d'essa pobre gente, mas de pessoas ricas do logar e por cujo aluguel cobram uma elevada renda.

Mas ainda o mais desagradavel é o aspecto triste que se defronta ao viajante, os taes casebres na praia de Espinho, não só aos que lá vão ficar, como também, os milhares que lá passam no comboio.

E' pois preciso que se acabe, de uma vez, com semelhante vergonha, que não é só nos locais que acabamos de citar, mas em quasi todas as nossas estancias de prazer e de cura.

A's Camaras Municipaes de Espinho de Vila Pouca de Aguiar de Chaves, e áquelas que tem dentro de seu termo, estancias de turismo, compete envidar todos os esforços para que, de alguma forma se modifique essa desagradavel architectura, e a prohibam absolutamente de continuar.

Não fazemos, como nunca fizemos, n'esta revista artigos por mero efeito de rectorica, preocupamo-nos com coisas praticas e de efeito immediato, e por isso levamos também as nossas palavras, ao Conselho de Turismo e á Propaganda de Portugal, para que se esforcem junto das Camaras Municipaes, e das estancias de aguas, para n'uma communhão de ideias tratarem do cumprimento deste problema.

Outro assumpto e não menos importante, é o da arborisação das estradas confinantes com as aguas mineraes, para que os aquistas possam estender os seus passos alem do recinto thermal, pois quasi todos, a parte uns pinheirões, a que os seus proprietários não impedem o accesso, não tem a mais pequena sombra onde o viajante se abrigue das ardencias do sol de agosto.

Por exemplo: da estação do caminho de ferro, ao portão do parque das Pedras Salgadas, uns 150 metros, vae sempre o aquista sob a torreia do sol, porque nunca a Camara Municipal de Vila Pouca, tentou arborisa-la, como devia, nem a Companhia das aguas o fez também como era sua conveniencia.

Uma vez, que as estradas permitam, pelo seu arvoredo, a gente afas-

tar-se do parque do hotel, torna-se um prazer para o aquista e um rendimento para o comercio e industria extra-estancia, que assim tem um incentivo de desenvolvimento. A occasião é extremamente oportuna para a modernisação das nossas coisas, já demolindo obstaculos, e erguendo em seu logar um incentivo de progresso, já resolvendo outros assumptos, que embora modestos, são também raizes d'essa arvore gigante que se chama: O Turismo.

GUERRA MAIO

PORTUGAL EM CINEMATOGRAPHIA

DEVE chegar em meados d'este mez o operador cinematographico da casa Gaumont, que vem, como já dissemos cinematographar as nossas paisagens e monumentos.

Por varias vezes se tentou a vinda a Portugal de um operador, mas as casas francesas e italianas, faziam taes exigencias pecuniarias, que teve sempre que se desistir. Agora mercê da intervenção do sr. Dr. Magalhães Lima, conseguiu-se que a reprodução se faça não tendo a Repartição do Turismo, mais encargos que não seja a despesa que se possa fazer no nosso paiz com o operador e com o interprete que o acompanha.

E' pois mais um grande serviço que o paiz deve ao grande patriota sr. Dr. Magalhães Lima, que nas suas multiplas viagens lá fora, não pensa senão no engrandecimento da nossa terra.

Aguas da Curia

ESTÁ concluido o lago d'esta estancia de aguas mineraes cujo desenvolvimento se fez em pouco tempo, como é sabido. Pena é que não esteja ainda resolvida a questão suscitada entre a empresa exploradora das aguas e o proprietario dos terrenos junto da linha ferrea do Norte, onde se pretende fazer uma estação de caminho de ferro para o serviço da Curia.

Desta forma ficará a estação ferroviaria ligada aos hotéis e estabelecimento, por uma linda avenida de 100 metros, enquanto que o actual apeadeiro da Curia fica a mais de um kilometro, e a estação de Mogofores a 4. Oxalá tudo se harmonise de maneira a que fosse poupado o ter que se recorrer á expropriação por utilidade publica.

O JOGO E A SUA INFLUENCIA NO TURISMO

UMA reunião havida, ha pouco, no palacio presidencial, no intuito de se assentar sobre a forma de se occorrer ás necessidades da assistencia publica, trouxe — embora momentaneamente — á tãla da discussão, a magna questão do jogo de azar.

Sendo este um assumpto que se relaciona intimamente com o turismo, quer pela sua influencia directa no desenvolvimento da corrente de estrangeiros para o nosso Paiz, quer, ainda, por uma forma indirecta, nos beneficios que d'ahi nos podem advir, não deviamos deixar de aproveitar este ensejo para manifestarmos o que pensamos a tal respeito.

Antes, porem, precisamos frizar que o fazemos, unica e simplesmente influenciados pelo sentimento patriótico, e que nenhuns outros interesses nos movem além dos que podem influir, por uma forma indiscutível, em proveito geral e commum.

Registemos, primeiramente, os factos, sem, contudo, pretendermos ser juiz em tão magna causa; mas, somente, para lhes extrahirmos os corollarios.

Duas correntes se manifestam: uma pró, outra contra a regulamentação do jogo em Portugal. Os que formam a primeira argumentam a seu modo, na defeza da sua idea e dos resultados beneficos que d'ahi se podem auferir, que são contestados pelos que condemnam essa regulamentação, simplesmente pelo facto de acharem que semelhante medida reflectiria a mais flagrante immoralidade. São estes que constituem a segunda corrente, parecendo-nos, todavia, que elles representam — quando muito — uma intima parcella da população portugueza.

Vejamos, pois, os fins que podem attingir as duas correntes de opiniões.

Por um lado temos a acção moral, *íntegra em toda a sua magestade*, que repudia a regulamentação do jogo, sem todavia, se insurgir pela sua exploração á clara luz do dia e dos deslumbrantes facho de electricidade, que até... electrizam as auctoridades.

Esta — dobrez de interpretação d'um tão caro sentimento, leva-nos a suppor, pelos precedentes havidos e em face da actual situação dos espiritos, que se procura extrahir d'ella os effeitos politicos necessários ás conveniencias e commodismos proprios, ou a aureolarem esplendorosamente qualquer opportuna medida governativa.

D'esta forma, a *moralidade*, deixa de ser uma condição especial a atter-

der, e os prejuizos que assim adveem são muito para apreciar.

Analysemos, agora, a *immoralidade*, tal como a defendem os apologistas da regulamentação do jogo. Assenta ella sob a impossibilidade quasi absoluta da repressão desse vicio, não se lhe auferindo os resultados que humanamente deviam beneficiar-nos, em vez de irem engrossar, por uma forma incomparavel, os capitães estrangeiros, principalmente hespanhoes. Além d'isso, a situação de muitas pessoas que como empregadas nas casas de jogo, legitimamente auferem o producto do seu trabalho, é tudo quanto ha de mais transitorio; estando, por assim dizer, o equilibrio da sua vida á mercê das conveniencias ou do arbitrio de quem *manda em tudo*. Acrescentam, ainda, que não havendo jogo, a animação nas praias e thermas é nulla, o que produz um sensível aggravamento na já difficil situação economica de algumas d'essas terras.

Expressas, assim, as syntheses das duas opiniões, chega-se á conclusão de que a regulamentação do jogo, feita com criterio e *sabedoria*, impõe-se sem tergiversações á Moralidade, na sua verdadeira accepção.

Estamos, porem, em crer que a maioria dos que condemnam essa salutar medida, o faz unicamente pensando que o Paiz se resume a Lisboa e que a Capital é a Baixa, onde — actualmente — portas alternadas dão accesso a Clubs de batota, estabelecidos sob os mais variados rotulos; desconhecendo por completo a influencia benefica que o jogo traz para as estancias climatericas e therapeuticas.

Móra isso, é, igualmente, para ter em conta a atracção que o jogo representa para o turista; e, em geral, o estrangeiro não concorre nem por divertimento, nem por necessidade, aonde não possa usufruir de todas as maiores commodidades, entre as quaes elle inclue o jogo, que acha absolutamente indispensavel para o seu recreio espirital.

Foi o jogo que deu alma ás praias do Mar do Norte e da Côte d'Azur, que deu vulto e animação a todas as thermas espalhadas pela Europa, e que lhes levará de novo o ruido festivo terminada que seja a pavorosa guerra mundial. Foi pelo jogo que muitas das estancias balneares de apagada nomenclatura, se tomaram em pontos de reunião dos mais afamados reis da elegancia e das finanças. Foi

ainda pelo jogo que se embellezaram e tornaram conhecidas muitas das terras que são sabiamente exploradas, sem que, comtudo, a razão da sua preferencia vá além dos dominios da phantazia. Assim, o jogo, dá vida agitada, movimenta com enthusiasmo, produz resultados de intensissimos effeitos não só sociaes, como economicos.

Exposta, d'esta maneira, este importantissimo thema, a nossa opinião, quer como incontestavelmente patriotas, quer como acerrimos defensores do turismo em Portugal, não podia ser contra a regulamentação do jogo d'azar, no nosso Paiz.

O TURISMO EM PORTUGAL

É sempre grato quando, em qualquer época, podemos constatar a corroboração das nossas ideas e das nossas afirmações, principalmente se d'ellas nos foi possível fazer registo escripto; porque, além do valor da prioridade, tem a engrandecê-las o reconhecimento alheio da sua razão. Ora, concretizando ás conclusões das theses apresentadas ao Congresso hoteleiro recém-realizado, as que derivaram dos discursos pronunciados durante as suas sessões e, ainda, as resoluções que n'estas foram adoptadas, deprehende-se que o nosso Paiz não está, por emquanto, em condições de favorecer uma intensa vida turistica. Falta tudo e o melhor, isto é: não temos ainda os arranjos indispensaveis, inadiaveis mesmo, para que se possa pôr em activa laboração essa potentosa machina que, um dia — temos esperança — ha de drenar para o nosso Paiz uma parcella importante do ouro que, por via do turismo, annualmente compensa qualquer disequilibrio economico das nações.

Triste é dizê-lo, mas essa falta foi exuberantemente salientada no ultimo congresso; e por uma forma tão minuciosa, que até a ausencia dos pequeninos-nadas, das subtilidades e do *savoir-faire* em a nossa vida nacional foi posta em relevo d'uma maneira não contestada.

Mas antes assim, para que não haja illusões.

Uma vez, porem, que se chegou a um tão positivo resultado, urge aproveitar beneficamente as boas intenções que se manifestaram, os compromissos moraes que implicitamente foram tomados e o enthusiasmo que essa

magna Assembléa demonstrou possuir, para, desde já, se ir modificando, alterando, substituindo, emfim, tudo quanto se torna necessario modificar, alterar e substituir, de forma que á intensa propaganda do nosso Paiz no estrangeiro corresponda—dentro d'elle—a sua primeira razão de sêr.

Preparemo-nos, pois; varramos as inutilidades, lustremos o moral e pulamos o material; guarneçamos os immoveis com o resplendor da sua aureola historica ou artistica, e alindemos os moveis com a alegria dos nossos sorrisos e com o encantamento das nossas flôres, que o resto—o complemento directo da nossa acção, os fructos das nossas sementeiras, o producto do nosso esforço, nos será dado immediatamente pela invejavel situação geographica que usufruímos e pelo portentoso e incomparavel Sol que ininterruptamente nos illumina.

Então, os estrangeiros, ao verem nos seus paizes o reclamo a Portugal, dirão, com justeza e propriedade: *Au Pays du Soleil!*

Então, elles accorrerão a visitar-nos, e levarão de nós boa impressão; encaregando-se elles-proprios de fazer a nossa melhor propaganda.

Então, tornar-se-hão uteis os postos de informação e todas as providencias tendentes a prestar ao estrangeiro a maior facilidade e a melhor commoidade.

Então laborará, em toda a sua actividade—e desde que todas as suas particulas se conjuguem com precisão—essa prodigiosa machina da felicidade humana e da riqueza mundial que é a industria do Turismo; e os seus proveitosissimos resultados, n'uma sequencia ininterrupta—qual *motu continuo*—propulsarão a sua constante marcha no crescente admiravel da continuidade de rotações.

Mas enquanto permanecerem no arido campo das flôres de rhetorica, sob a tribuna dos discursos cheios de euphemismos e aguardando as conclusões da confusão de idéas e de pensamentos e a composição dos variados interesses, escusado é esperar o concurso do estrangeiro, que apenas deseja, em troca de ouro a que não liga importancia maior, a satisfação pura e simples das suas commodidades, das exigencias do seu espirito, da sua vontade e dos seus caprichos.

Tudo o mais é musica celestial...

JOSÉ LISBOA

semos. Vivemos um pouco á maneira de cigarra; quando, afinal, devíamos orientar a nossa vida como a mourigera formiga. E, assim, sob a maligna influencia que, de ha muito, vem contaminando o organismo portuguez, o nosso Paiz vae perdendo a sua graça, a sua originalidade, o seu caracter typico. Vão desapparecendo as suas bellezas, sem que outras tambem características, as substituam. O sorriso tentador que outr'ora attrahia, modificou-se em gargalhada alvar; a galantaria nata com que os lusitanos acariciavam os seus hospedes, cedeu lugar á indifferença; o tom melodioso das nossas antigas phrases amoveis, transmudou-se em arremessos, em palavras de aspera sociabilidade e em gestos da mais deploravel incorrecção. Hontem descurou-se de promover a riqueza patria; hoje, alienam-se os ultimos rendimentos do patrimonio movei que ufanamente nos foi legado; arrazam-se mattas, deixam-se, incultas, areas enormes de terreno, desprezam-se inconscientemente as mais preciosas fontes de riqueza. Amanhã—se fôr preciso—derretem-se as joias, que é como quem diz: demolem-se os nossos monumentos, para que o valor material das suas partes componentes possa ser reduzido a metal...

... E no fim de tudo isto, vamos empenhar as barbas—como fez o Castro—que será, certamente, o que nos restará para render dinheiro.

Depois... Depois procuraremos, então, chamar o estrangeiro, para vir ver a nossa calvicie...

—Talvez seja um principio de vida...

J. L.

A DEVASTAÇÃO DAS MATTAS

EM o nosso ultimo numero apreciámos o que este assumpto nos interessava, pelo seu aspecto patriótico que é,—a nosso vêr—o que se sobrelava em todas as questões; e obedecendo a esse nosso muito caro sentimento, fizemo-lo em proza chã, sem pretenções de rhetorica, simplesmente empregando os termos que geralmente trazem os gritos d'alma.

Procedemos assim, porque entendemos que tudo quanto nos confrange e opprime o nosso espirito só encontra verdadeiro desabafo nas palavras sinceras e nas phrases desprovidas de euphemismos.

Nos grandes arrancos da dôr, as palavras não são dictadas pela intelligencia, mas impellidas pela consciencia.

Fôz debaixo d'esta impressão que examinámos, no numero passado, o primeiro aspecto d'este magno assumpto; propondo-nos hoje trata-lo sob a influencia que elle pode ter para o turismo no nosso Paiz, na sua mais ampla forma, e que se nos affigura unica e simplesmente pavorosa.

Não é, apenas, pela tristeza que os campos devastados possam infundir em quem viaje por Portugal; não é, tampouco, só pelo que de somenos interesse, como importantissimo factor da riqueza economica, semelhante razia

possa representar; nem ainda, como parcella apreciavel da salubridade que a vegetação exerce no nosso clima; mas, tambem—e em especial, pelo que ella significa como desprimoroso para o nosso sentimento patrio por accusar rudemente uma falta d'amor pelo torrão natal e a mais completa ausencia de carinho e de natural egoismo pelo que nos pertence e é muito nosso.

Não bastava já a aridez que se nota principalmente na provincia Alentejana para dar uma cor macilenta, de fraqueza estrutural, a essa vasta arteria do nosso organismo; foi-se, agora, mais além—á limpeza quasi completa d'esse precioso colorido que inequalvelmente alindava a nossa Terra. O tom verde que esmaltava com fulgurações de incomparavel magia os vales, as serras e as planices de Portugal, desappareceu como por encanto, evaporou-se pela acção deleteria do homem-animal, que é, em ultima analyse, o habitante do nosso Paiz.

Em Portugal, hoje em dia, só ha um sentimento: o egoismo pessoal, opportuno; só se pensa em tirar partido do que existe actualmente, de explorar mais e melhor o que nos foi legado, não se pensando, sequer, na possibilidade de podermos colher ainda o producto das sementeiras que agora fizes-

DESPORTOS

DOIS factos de primeira grandeza marcam o inicio da época da vida desportiva em o nosso Paiz: um, o grande campeonato internacional de *Law-tennis*, que se realisou com brilhantissimo exito nas *courts* do Club Internacional de Foot-ball; outro o concurso hippico internacional que muito em breve terá lugar, e que é esperado com desusado interesse.

A *Revista de Turismo*, acompanhando de perto a realisação d'essas festas, dedicar-lhes-ha especies chronicas, firmados por autoridades em cada ramo. Assim, contamos inserir no nosso proximo numero uma circumstanciada apreciação sobre o torneio de *tennis*, a qual muito gentilmente nos foi prometida pelo nosso illustre amigo sr. Dom João da Costa de Souza de Macedo (Villa Franca).